


# Em Tese

## ENTREVISTA COM FERNANDO CAZÉ E PEDRO RAJÃO – PROJETO NEGRO MURO

Interview with Fernando Cazé and Pedro Rajão – Projeto Negro Muro


### Ana Paula Alves Ribeiro

Doutora em Saúde Coletiva (UERJ/IMS, 2009)  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, Brasil  
anapalvesribeiro@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6494-1470> 


### Gabriel da Silva Vidal Cid


Doutor em Sociologia (UERJ/IESP, 2016)  
Pós-doutorando  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Brasil  
gabrielsvcid@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0479-041X> 

### Patrícia Lânes

Doutora em Antropologia (PPGA/ UFF, 2017)  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
patricialanes77@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7916-1840> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

**PALAVRAS-CHAVE:** Negro Muro. Rio de Janeiro. Muralismo. Arte Urbana. Arte Pública.

**KEYWORDS:** Negro Muro. Rio de Janeiro. Muralism. Urban art. Public art.

O Negro Muro é um projeto de Pedro Rajão e Fernando Sawaya, mais conhecido como Cazé. A iniciativa, que teve início há cerca de cinco anos, já conta com mais de cinquenta muros grafados com rostos e elementos pictóricos que ilustram a trajetória de personalidades da cultura e da memória negra, especialmente na cidade do Rio de Janeiro. Cazé é designer, artista plástico e muralista, e Rajão é DJ, curador musical e produtor cultural. A entrevista com os idealizadores do Negro Muro foi realizada em dois momentos, em julho e setembro de 2023. A primeira conversa, durante a pintura do mural dedicado à Filosofia Negra, aconteceu com as antropólogas Ana Paula Alves Ribeiro<sup>1</sup> e Patrícia Lânes<sup>2</sup>, na segunda, somou-se o sociólogo Gabriel Cid<sup>3</sup>. Nas conversas, foram abordadas a história, intenções e a prática dos dois ativistas e resultados do projeto que vem redesenhando e impactando a memória e o espaço da cidade do Rio de Janeiro. Trazemos uma síntese das conversas, focando em questões elencadas pelos entrevistadores, reconhecendo ser um recorte da trajetória e do pensamento de Cazé e Rajão, em torno do Negro Muro.

*Seria legal saber dos dois, do encontro de vocês até a configuração do Negro Muro.*

**Rajão:** Nosso encontro se dá de uma forma muito objetiva. Eu estava fazendo, ainda estou, um documentário sobre Fela Kuti e queria fazer um grafite dele, na cidade. E um camarada me indicou o Cazé. Cheguei à casa dele com o DVD do Fela Kuti, botei para assistir o documentário *Music The Weapon*, que é tipo a Bíblia do Fela. Então, o primeiro muro surge desse impulso de divulgar mais a figura do Fela. Eu acho que até hoje é uma figura que é muito pouco conhecida e que tem uma contribuição muito grande, politicamente. E, a partir daí, a gente foi trabalhando. Eu já tinha, por conta do meu trabalho no Leão Etíope<sup>4</sup> e por ser cria do Méier, conhecimento de pequenas histórias de alguns personagens do lugar. E me inquietava o fato de algumas figuras não serem lembradas como daquele lugar. O Brasil inteiro estuda Lima Barreto e o cara é cria do bairro onde nasci, o cara é do Méier, faz aniversário no mesmo dia da fundação do Méier e como a estátua dele não está lá? Penso

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, do Programa de Pós-Graduação em História da Arte, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e do Programa de Pós-Graduação em Culturas e Territorialidade, da Universidade Federal Fluminense e Bolsista Prociência.

<sup>2</sup> Pesquisadora de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGHA/ UERJ), bolsista Capes/FAPERJ e professora da especialização em Sociologia Urbana da UERJ.

<sup>3</sup> Pesquisador, bolsista FAPERJ de pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; e professor substituto na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

<sup>4</sup> Ver Instagram: @leaoetiopedomeier e Youtube: [www.youtube.com/@LeaoEtiopedoMeier](http://www.youtube.com/@LeaoEtiopedoMeier). Acesso em: 08 jan. 2024.

que são essas pequenas biografias que a cidade esconde. O Pau Ferro nasce como uma escola de samba, vira time de futebol e hoje é um clube de bairro, fundado pelo Ney Lopes, que teve alguma importância no carnaval, mas que ninguém ouve falar, para além de Irajá. Ninguém ouve falar, muito menos de que o pai do Ney Lopes foi fundador. Então, essas pequenas historinhas, eu sempre tive muita vontade de que estivessem presentes em placas ou estátuas, ou qualquer manifestação de memória. E o grafite, a arte urbana, pode servir como isso e muito mais, para além do fato de ser geneticamente uma arte preta que vem da cultura hip hop. Como que uma arte negra pode servir como instrumento de memória social, ou como a arte urbana pode ser uma forma de mapeamento dessas histórias? O segundo personagem, ou o primeiro negro muro, pensando em território, foi a Clementina<sup>5</sup>, no Engenho Novo, na rua onde ela morou. Depois foi o Lima Barreto<sup>6</sup>, depois Abdias do Nascimento<sup>7</sup>, já no Maracanã. O Abdias quando vem de Franca, mora na Mangueira. Tem o auditório Abdias do Nascimento dentro da UERJ<sup>8</sup>, a gente tentou puxar a memória dele para ali. E assim foi brotando, as oportunidades foram surgindo.

**Cazé:** O Rajão bateu na minha porta, em 2010. Eu trabalhava com *Motion Design*. Sou formado em Design, trabalhava em uma produtora e a gente fez o Fela Kuti, em Botafogo. Bem depois, em 2018, retomamos essa ideia de pintar o Fela Kuti<sup>9</sup>. Eu estava em um processo em que estava mudando porque fazia personagens, tinha uma linha de *cartoon*, e estava estudando e meio que calhou. E fomos fazendo. Estávamos na rua quando alguém falou: o Dorival Caymmi morou ali atrás. As informações vão acontecendo. O projeto foi ganhando força, ganhando espaço.

---

<sup>5</sup> Localização: Rua Acaú (esquina com a Barão do Bom Retiro), Engenho Novo, Rio de Janeiro-RJ. Ver: <https://negromuro.com.br/clementinadejesus> e <https://www.instagram.com/stories/highlights/17932943120425802/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

<sup>6</sup> Localização: Rua Major Mascarenhas, Todos os Santos, Rio de Janeiro-RJ. Ver: <https://negromuro.com.br/limabarreto/>; e <https://www.instagram.com/stories/highlights/18229406107178755/>. Acesso em: 08 jan. 2023.

<sup>7</sup> Localização: ao lado do Morro da Mangueira, Rio de Janeiro-RJ. Ver: <https://negromuro.com.br/abdiasdonascimento/> e <https://www.instagram.com/stories/highlights/17971504222749112/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

<sup>8</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Campus Maracanã, Rua São Francisco Xavier, 524, Maracanã, Rio de Janeiro-RJ.

<sup>9</sup> Localização: em frente à Escola Municipal Francisco Campos, Rua Nossa Senhora de Lourdes, Grajaú, Rio de Janeiro-RJ. Ver: <https://negromuro.com.br/felakuti/> e <https://www.instagram.com/stories/highlights/17921392235550455/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

*E esses primeiros foram vaquinha virtual, para arrecadar?*

**Rajão:** Não, foi do nosso bolso. Consegui tinta de outro projeto que sobrou, conseguimos tinta com um amigo. Até o Moacir Santos<sup>10</sup>, foi do bolso da gente. Depois desse que fizemos vaquinha virtual, pensamos em fazer o mural dele durante a campanha para chamar atenção do projeto. Na campanha, deu tudo certo, deu para quatro muros: Elza Soares<sup>11</sup>, Cruz e Souza<sup>12</sup>, Clementina (de Jesus) e João Cândido<sup>13</sup>. Isso foi em 2020, durante a pandemia. Em 24 horas, atingimos a meta, a meta um, e fomos até a três. Porque a gente não tinha pensado como projeto, estávamos pintando, construindo aquilo, não tínhamos um pensamento crítico, estruturado sobre o projeto em si. Quando a gente estava fazendo um, surgiu a ideia de fazer outro. E não tínhamos um mapeamento estruturado, pensado como um fio condutor. Quando lançamos o projeto, fizemos tudo em 24 horas, a identidade visual, uma amiga tinha escrito o projeto, a gente montou a campanha e lançou. Nessa época, descobri que nasci em frente à casa do Luiz Gonzaga, no Cachambi. Então, sempre quis fazer alguma coisa, mudar o nome da praça da frente, botar placa. Não tinha algo estruturado, mas fomos pintar o muro do Luiz Gonzaga<sup>14</sup>. Eram muros que estavam no meu radar, a Clementina, o Lima, o Cruz e Sousa. Tem uma rua, Cruz e Sousa, onde ele morou no Encantado, então já eram coisas que eu tinha vontade de fazer, mas não sabia bem o quê, que tipo de trabalho para buscar a memória dessas pessoas. E aí, quando vimos que o projeto engatou, falei: cara, é isso, tem agora uma cidade inteira.

*Quando o projeto vira Negro Muro? Quando vira uma questão racial? Sempre esteve claro que era uma questão racial?*

**Rajão:** Desde o início; todos os personagens. Nunca passou pela nossa cabeça ser algo diferente. Mesmo quando a gente não tinha esse título, Negro Muro, foram só personagens pretos.

---

<sup>10</sup> Localização: Rua Benjamin Constant, número 08, Glória, Rio de Janeiro-RJ. Ver: <https://negromuro.com.br/moacirsantos/> e <https://www.instagram.com/stories/highlights/17942227526336383/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

<sup>11</sup> Localização: Rua da Pátria, Água Santa, Rio de Janeiro-RJ. Ver: <https://negromuro.com.br/elzasoares/> e <https://www.instagram.com/stories/highlights/17957795089879378/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

<sup>12</sup> Ver: <https://www.instagram.com/stories/highlights/17953123939953164/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

<sup>13</sup> Localização: Rua Turmalina 1850, Coelho da Rocha, São João de Meriti-RJ. Ver: <https://negromuro.com.br/joaocandido/> e <https://www.instagram.com/stories/highlights/17999412754497336/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

<sup>14</sup> Localização: Rua Ferreira de Andrade, 965, Cachambi, Rio de Janeiro-RJ. Ver: <https://negromuro.com.br/luizgonzaga/> e <https://www.instagram.com/stories/highlights/17955818486020433/>. Acesso em: 08 jan. 2024.



*Mas alguém já sugeriu...*

**Rajão:** O Yuka<sup>15</sup>, pintamos, mas não foi Negro Muro. Eu produzi, o Cazé pintou. Sempre digo que o maior problema da sociedade é a comunicação, mesmo você fazendo uma comunicação visual escrevendo que é o projeto Negro Muro e que pinta pessoas pretas e etc., aparece alguém: você pintaria fulano? Já recebemos convites institucionais, de falarem: você pintaria o escritor fulano, branco? Eu: então, o projeto é Negro Muro. Tem um muro branco na frente da Quinta da Boa Vista com o Pedro II e a Princesa Isabel. É o mesmo conceito.

*Tem uma escolha pensando na questão de gênero?*

**Rajão:** Tem, temos essa preocupação e quando fizemos a série<sup>16</sup> ajudou a equilibrar um pouco mais. Foram personagens mulheres que fizemos, cinco mulheres. Estamos na esperança de fazer uma segunda temporada e ficamos segurando cinco personagens femininos, enquanto o ano tá rolando. Então, estamos fazendo mais homens, mas contando que ano que vem vamos fazer mais cinco [mulheres] de uma vez.

*A gente tá falando de personalidades negras e vamos decantando outras camadas da presença negra na cidade, as mulheres negras, a comunidade LGBTQIA+....*

**Rajão:** Sim, tem a homenagem ao rapper Lil Nas X<sup>17</sup> que especificamente não tem relação direta com o território. E pintamos Madame Satã<sup>18</sup> aqui na (rua) Monte Alegre, e esse muro foi um ciclo diferente porque geralmente a gente tem os personagens e vai pesquisar onde que morava, onde tem. Esse muro foi um fã nosso que falou: acabei de pintar o muro aqui de casa e quero o muro de vocês aqui.

---

<sup>15</sup> Ver: <https://pitayacultural.com.br/artes/marcelo-yuka-e-homenageado-em-grafite-na-zona-norte-do-rio/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

<sup>16</sup> Série documental Negro Muro, veiculada pelo canal GNT, em 2023, e disponível para assinantes do Globoplay. Foram homenageadas: Alcione, Zezé Motta, Ruth de Souza, Lélia González e Beatriz Nascimento.

<sup>17</sup> Localização: Rua Presidente Vargas, n. 2941, Cidade Nova, Rio de Janeiro-RJ. Ver: <https://negromuro.com.br/lilnasx/> e <https://www.instagram.com/stories/highlights/17952588694981303/>. Acesso em: 17 jan. 2024.

<sup>18</sup> Elizeth Cardoso e Madame Satã, localização: esquina da Rua André Cavalcanti com Rua do Riachuelo, Lapa, Rio de Janeiro-RJ. Ver: <https://negromuro.com.br/madamesata/> e <https://www.instagram.com/stories/highlights/18006230401466658/>. Acesso em: 17 jan. 2024.

*Sobre a questão da empena e como os muros vão ficando maiores, como isso é importante como muralismo e para a cronologia do projeto? Queríamos saber sobre pesquisa de material e estética, se mudou.*

**Cazé:** Sem dúvida, o Negro Muro se embrenha na minha vida pessoal. O meu processo vai se misturar com o processo do Negro Muro. Eu demorei um tempo para entender o que estava fazendo, até que tive um clique. Sempre trabalhei de designer. Sou formado em design e trabalhava com imagem e, quando vi, estava *layoutando*, fazendo o que todo designer faz, o *layout*, mais no sentido da palavra do design. Eu estava sempre no *Photoshop* recortando imagens, colando na cabeça de um, na cabeça de outro, construindo aquilo e fazendo uma colagem digital. Essa colagem digital foi amadurecendo, conforme eu fui cada vez mais entendendo que eu tinha que buscar lá atrás do que eu já fiz no estúdio e trazendo para esse universo [do Negro Muro]. E fui entendendo qual o tipo de foto que eu preciso para trazer para o mural, que tipos vão caber. Fui formatando esse formato de muro que a gente tem hoje em dia. A construção da história vai sendo contada a partir dessa diagramação, vou entendendo que se eu tenho um muro horizontal, preciso de x imagens, se eu tenho um muro vertical, preciso de y imagens. Mas isso que você disse é interessante, porque chegou um momento em que eu fiquei muito insatisfeito com o resultado visual. O clique da insatisfação veio no muro da Elza, que é um muro maneiro, bonito, mas eu não gosto, porque ficou uma estética visual de colagem digital, só que pintado no muro.

**Rajão:** Pra mim não tem incômodo nenhum, eu acho bonito.

**Cazé:** É mais sobre o que está acontecendo hoje em dia, que é o que venho buscando visualmente, uma equalização de cor, uma pontuação de momentos importantes da vida daquela pessoa. O da Dona Ivone<sup>19</sup> é uma equalização de cor, é um destaque de algum ponto importante que está naquele registro visual, então se vocês analisarem os desse ano para os do ano passado, eles vêm transitando para esse caminho visual.

*Foi a mudança do spray pro pincel, qual foi a motivação?*

**Cazé:** Foi do spray pro pincel, do Gonzaga para cá, todos foram no pincel. No muralismo, há essa necessidade de trazer uma narrativa pictórica mais madura que eu acho que o *spray* não dá. Não é que não traz, mas se limita a um padrão visual. Ele tem uma profundidade estética padrão que a pincelada já não tem. O *spray* acaba indo para um

---

<sup>19</sup> Localização: Bosque Dona Ivone Lara, Instituto de Saúde Nise da Silveira, R. Ramiro Magalhães, 521 - Engenho de Dentro, Rio de Janeiro-RJ. Ver: <https://negromuro.com.br/donaivonelara/>; e <https://www.instagram.com/stories/highlights/17961060260496556/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

recorte muito duro, no meu ponto de vista. A gama de cores, tem essa coisa de comprar as cores prontas. Aqui [na pincelada], eu posso pegar e fazer um violeta mais escuro ou um mais claro, e mexendo com isso tenho mais camadas que podem ser trabalhadas. Isso é uma das coisas que eu trouxe para minha estética visual, essa coisa do fundo à tinta. Eu faço a marcação, primeiro, depois joga cor quente, então eu joga muito laranja, porque eu trabalho muito com pele negra. A proximidade do laranja com a pele negra, quando tem emissão de luz facilita muito o processo de pintura. Tem horas que ele vai ficando mais claro, tem horas que ele vai ficar mais escuro. Essa construção foi sendo pensada e também na questão do tempo-. Passei a fazer esses fundos em favor de ganhar tempo. Na hora da produção, a composição com essa coisa da colagem digital, facilita na hora de distribuir o *layout* no muro e pensar: aqui eu posso ter uma área de respiro, aqui também, mas que vai funcionar visualmente. Se você olhar o muro do Ney Lopes<sup>20</sup>, por exemplo, ele tem muitos pontos de respiro, mas são pontos que parecem fazer parte da pintura, que foram pintados. Mas não foram pintados, eles foram criados, pensados nesse lance de acelerar o tempo e ao mesmo tempo fazer parte dessa narrativa pictórica. Fomos construindo um padrão visual. Se tivermos um retrato da pessoa, eu gosto sempre de trazer uma imagem da infância. Acho que a infância é um ponto de memória importante para quando você vai ler um mural que conta a trajetória de alguém. Se ela está viva ou é um familiar, vai trazer recordações que vão além daquele recorte da vida. O Ney Lopes olhou aquela imagem e falou: cara, essa foto aqui, eu estava no quintal com meu pai e eu gostava muito de usar o pijama dele e era isso, vestir e ficar no quintal. Essa é uma recordação da pessoa. E se essa memória da infância não estiver ali, ela [essa pessoa] não vai para esse lugar, para esse espaço-tempo. No da Dona Ivone Lara, tem ela pequenininha, no abacateiro lá em cima. O Flor de Abacate era um bloco que o pai e a mãe dela participavam no Largo do Machado. Então, esses pontos de memória que vão se conectar, vão fortalecer. Porque a memória cansa, esquece, esses pontos de memória fazem com que tudo se conecte em uma maneira mais profunda, visualmente. Esse olhar da criança traz essa profundidade. Tem as simbologias que são muito importantes também. Agora estamos trazendo um pouco da escrita também, de alguns pontos importantes, apesar de não gostar muito. Eu faço porque entendo que às vezes é preciso, dentro desse meu trabalho, no Negro Muro. Eu cedi e entendi que é importante ter, mas acho que não entregar muito, também, é bacana. Hoje em dia, estamos acostumados a ter as coisas de mão beijada,

---

<sup>20</sup> Localização: Grêmio Recreativo Pau-ferro, R. Honório de Almeida, 124, Irajá, Rio de Janeiro-RJ. Ver: <https://www.instagram.com/stories/highlights/18195471793278067/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

então é bom aguçar a pensar por que aquilo tá ali, por que o Mandela tá lá com o Martinho da Vila<sup>21</sup>, no cantinho, por que tem uma estátua ali no outro cantinho?

*Vocês vão inserindo elementos?*

**Rajão:** Sim, vamos inserindo. Temos um formato hoje em dia que fala sobre o que queremos passar e entrega o que entendemos que o homenageado vai ficar contente, a gente vai se sensibilizando. Acontece de não dar certo, às vezes.

**Cazé:** No Equador, participei de um experimento de residências artísticas, que está fomentando o meu trabalho de buscar novos horizontes, novas culturas. Eu nunca imaginei estar no Equador. E, de repente, estou no Equador e fiquei apaixonado, por tudo que estava ali. Quando estava lá em -, estava vendo uma realidade de sei lá, mais de cinco mil anos, da vestimenta, da música, do jeito de falar. Ainda se fala o Quíchua e mais 15 outros dialetos, em um território muito menor que o nosso. Come-se com colher, porque a comida que é feita, é a que mantém as raízes e tradições. Essa proximidade com as raízes me encantou muito, essa proximidade com os indígenas, estar perto da Amazônia, a seis horas da Colômbia e da Floresta Amazônica. Essas coisas todas me fizeram refletir, e o mais interessante nisso foi também ir para um lugar onde eu não via negros. Isso me chamou muito a atenção. Tem esse processo do colonizador que vai deixando os seus vestígios, vai trazendo a miscigenação para criar aquele espaço. E descobri, quando fui a um centro cultural, onde tinha uma imagem que falava sobre a chegada dos negros, no Equador, que no primeiro domingo de outubro se comemora o Dia Nacional do Povo Afro-equatoriano e que recorda o naufrágio de um navio com escravizados, em 1553. Isso me chamou muito a atenção, porque estamos acostumados com um território que foi colonizado, mas que tem descendentes de escravizados, africanos. No Equador, você está literalmente focado nas raízes equatorianas amazônicas e é um povo muito unido, muito forte, muito centrado na proteção dos seus costumes, das suas tradições. E o mural que eu fiz lá foi sobre esse costume, sobre a força da mulher andina, tem uma *ventana*, que é uma janela, que é um símbolo andino que representa a união desses povos. Trouxe a mulher como o centro dessa união e a força pelos braços, porque literalmente ela move a vida dela através da força do braço dela, ligado à agricultura, cuidando do gado, cuidando da terra, arando a terra e a foice. O que me motiva estar perto desses países latino-americanos, é entender o movimento do muralismo. É sobre estar próximo a esse processo e que venho

---

<sup>21</sup> Ver: <https://negromuro.com.br/martinhodavila/> e <https://www.instagram.com/stories/highlights/17947300178059936/>. Acesso em: 08 jan. 2024.





desenvolvendo com muralismo no Rio de Janeiro, que é muito recente. Ele é do início da década de 1990 ou final da de 1980, mas financiado, com três ou quatro trabalhos na cidade. Essa necessidade de viajar para os países latino-americanos, é nesse intuito de conhecer esse histórico, entender mais. Uma das maiores escolas é a do Chile, que tem um cunho político fortíssimo. Todo histórico muralista do país é pautado na política, na luta dos povos, reivindicando seus acessos, suas necessidades. É sobre fortificar o que a gente tá construindo aqui [no Negro Muro], fortificar esses laços. Essa questão da união dos povos andinos é uma coisa que me fez refletir sobre o que traçamos aqui. O que a gente tem aqui, de união dos nossos povos. Eu vejo um processo ainda muito unilateral, de compreensão. Estamos numa mesma terra, dividimos o mesmo espaço. No entanto, trabalhamos muito sobre a desigualdade de renda de nossa própria cidade, que é centrada em um território só. Estou no universo da arte urbana há 21 anos, e o que chama muito a atenção, hoje em dia, em 2023, é que é a primeira vez em que vejo galerias de artes surgindo na Zona Norte, na Zona Oeste, primeira vez que eu vejo como movimento artístico, sendo descentralizado e redistribuído. Esse é um ponto importante para a nossa história. Um dos pontos importantes que nos orgulha no projeto, é a quantidade de murais feitos sem ser na Zona Sul ou na Zona Central, é essa ocupação de outros territórios. E como isso se desdobra na parte educativa, na parte de pensar na cidade, da prefeitura olhar para o espaço, capinar, asfaltar, iluminar. Então, acaba tendo esse viés político, como vi no mural chileno. Ele [o Projeto] acontece reverberando de outras formas, que eu acho importante e que movimenta a cidade. Esse movimento de ocupação territorial que a gente está falando e que está acontecendo, só agora em 2023, de galerias de arte, é um movimento que a gente felizmente vem conseguindo fazer, tem quatro ou cinco anos, de ocupar e fazer esse desdobramento de compreensão de que a arte não está só na Zona Sul. Ela está ocupando outros territórios, ela ocupa bem e tem muita coisa pra ser dita.

*Tem roteiro turístico que já vem entrando os muros de vocês, no subúrbio, o pessoal já está incluindo?*

**Rajão:** Já. Há o *boom* de “memória dos outros”. Tem esse circuito turístico que uma *mina* sempre faz com os personagens femininos que a gente pintou. Além disso, são 28 muros nas zonas Norte e Oeste. E a Riotur colocou no *site* uma aba: Negro Muro. É recente.



*Falam muito que não há coisas para visitar no subúrbio, não?*

**Cazé:** Há muito desse pensamento: não podemos sair daqui, tudo tem que acontecer aqui, na região central. É que há má distribuição de renda e isso afeta na cabeça da gente. E o transporte muito ruim faz com que, às vezes, as pessoas não conheçam bairros vizinhos. Da galera que mora no Méier, não conhecer direito Cascadura. É o acesso, né? A arte tem papel fundamental de abrir caminhos para novos espaços. Acho que esse é um dos papéis fundamentais da arte pública. Por quê? Ela chega iluminando um espaço que antes era obscuro. Era um espaço que ninguém olhava, a gente descobre, por exemplo, que fulano morou ali. Coloca um mural colorido, grande, que chama a atenção para as pessoas falarem: caramba, nunca tinha ouvido falar nesse lugar; nunca tinha ouvido falar nessa rua; que interessante. Essa pessoa passa fazer parte de um circuito que ela nunca tinha imaginado. E isso faz com que você tenha novos acessos. Acesso à economia criativa, acesso à distribuição de renda, acesso das pessoas a frequentar um itinerário que ela não frequentaria, a parar em uma estação de trem que ela não imaginou parar. Então é sobre compreender novos acessos à nossa cidade. A arte pública cumpre esse papel, que a prefeitura deveria cumprir, que o governo deveria e não cumpre. O [Marcelo] Freixo tinha uma fala que acho muito importante, quando ele defendia que sem iluminação pública não temos segurança. E aí eu entendo o que? O trabalho que eu faço como artista, que a gente faz como projeto, é iluminar a cidade. A gente coloca luz onde não tem. Em alguns casos, literalmente. No muro da Sandra de Sá<sup>22</sup>, na Caprichosos de Pilares, quando a gente foi projetar, estava com um poste quebrado, aí eu liguei para a Subprefeitura. E o Subprefeito, no dia seguinte, consertou. O muro do Mussum<sup>23</sup>, no Lins, não tinha iluminação, botaram depois uns *spots* de luz lá. Paulinho da Viola<sup>24</sup> também virou ponto de luz na cidade, ponto de informação e o que fortalece mais ainda é que é ponto de informação preta. Iluminado por negros, novos caminhos, novas reflexões. É sobre isso nosso trabalho. A gente está em um novo caminho, falando sobre editais e tal, mas acho que ainda tem muito a caminhar. Muitos acessos ainda a serem fomentados. Acho que isso tudo que está sendo plantado agora só vai ser colhido daqui a 20 anos. Fomos tão exterminados que perdemos nossa

---

<sup>22</sup> Localização: GRES Caprichosos de Pilares, R. Faleiro, 1 - Pilares, Rio de Janeiro-RJ. Ver: <https://negromuro.com.br/sandradesa/> e <https://www.instagram.com/stories/highlights/17976168337662140/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

<sup>23</sup> Localização: Em frente à Associação de Moradores do Lins, Rua Antônio Caetano, 00017, CASA, Lins de Vasconcelos, Rio de Janeiro-RJ. Ver: <https://negromuro.com.br/mussum/> e <https://www.instagram.com/stories/highlights/17980299091627846/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

<sup>24</sup> Localização: Rua Conde de Ira Botafogo, Rio de Janeiro-RJ. Ver: <https://negromuro.com.br/paulinhodaviola/> e <https://www.instagram.com/stories/highlights/18246574657119617/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

identidade [política]. De uns tempos pra cá, estamos começando a fortificar e reconstruir essa identidade melhor. Então, esse entrelaço dos povos vem melhorando. Eu acho que todo mundo está começando a se juntar mais, a se unir mais.

**Rajão:** É só puxar um fio sobre intervenções diretas na cidade a partir do muro, e o do João Cândido foi o que mais teve, porque serviu para asfaltar a rua dele. Para a inauguração do muro, já teve intervenção da própria Prefeitura, a calçada e o muro. E, meses depois da inauguração, o presidente da ALERJ, na época, o André Ceciliano, foi lá, porque quando era deputado, foi dele o projeto que incluiu o nome do João Cândido no livro de heróis do estado do Rio de Janeiro. E, como presidente da ALERJ, com o Muro já entregue, foi lá e botou a plaquinha da ALERJ: aqui morou João Cândido... Teve essa placa, a obra na rua, na calçada, tapa buracos, o chão e o poste de iluminação pública.

*Quando falam no muro e pensam nessa questão do ponto de iluminação, um ponto de iluminação negra, é super interessante pensar o cuidado na cidade. A partir daí, como o muro ilumina a história da cidade, histórias soterradas.*

**Cazé:** São galerias de arte a céu aberto. Eu moro na Lapa há 12 anos. Houve um projeto com o objetivo de construir um grande corredor cultural com murais. Foi a ladeira do Castro que virou uma galeria de arte a céu aberto, pública, onde consegui levar 70 artistas, sem custo nenhum do meu próprio bolso. E pintamos a rua inteira. Os relatos dos moradores eram exatamente: a rua está mais iluminada; o lixeiro está recolhendo o lixo; estou prestando atenção na iluminação pública; me sinto mais seguro de descer a rua hoje em dia. Então, quando falamos sobre galeria de arte pública a céu aberto, é sobre segurança pública. Mas o que acontece muito, e que é um debate, é o uso da arte pública para tapar buraco. Há vários exemplos ao redor do mundo. O artista Blu passou a apagar os murais dele, porque estavam sendo usados para cunho político e imobiliário. O que acontece? Você entra com arte pública em espaços abandonados, que estava com vidro quebrado, consertava tudo, coloria, que é o que está acontecendo aqui na zona portuária. O que vai acontecer daqui a pouco, com essas áreas todas que estão lindas, coloridas, maravilhosas? Vão abaixo, porque eles estão loteando tudo, a gentrificação do espaço, público e privado. E aí usam o que? A arte pública para maquiar esse sistema, basicamente isso. O artista [Blu] começou do próprio bolso dele, ele alugou o maquinário e começou a apagar tudo. Por que ele falou: esse não é o propósito, se você está investindo aqui, mantenha o mural.

*Tem uma mais valia em cima do artista, o artista está produzindo valor naquela região, naquela cidade, naquela rua, e o artista não está levando esse valor que está produzindo?*

**Cazé:** Essa questão de valor chega a ser patético. Porque entram com os projetos megalomaníacos de arte pública, e dão retorno financeiro para os artistas, para os curadores, para os produtores, etc., no entanto, muito baixo. Aquele que está na cadeira está levando 500 mil e os outros que estão lá fazendo de fato, ficando 10 dias debaixo de sol, 12 horas por dia para fazer arte pública e trazer milhões em bem-estar para cidade, ganham muito pouco. E qual é o seu retorno? Retorno, vou ser bem honesto. O retorno que a cidade dá para o projeto Negro Muro é muito baixo. O que a Riotur está fazendo, é o mínimo que ela tem que fazer. Ela tem que fazer muito mais! O que a gente faz com a iniciativa privada de movimentação, distribuição de renda, de movimentação de cultura, de abrir espaço... Quantas coisas se desdobraram por conta do projeto. E a gente não tem nenhum patrocínio, a gente tem incentivos privados. Conseguimos nesse meio do caminho dois projetos com a Sony, um com a Universal, um com o canal GNT e o do grupo de NFT<sup>25</sup>, no Morro do Salgueiro<sup>26</sup>. São coisas pontuais. O Rajão que captou recurso, ele sabe o tanto da dificuldade no processo. Se não ganharmos o edital, se não ficar batendo na porta, ligando para as pessoas, não conseguimos o dinheiro. Tem que estar lá, todo dia, toda semana, com a mesma mensagem até alguém responder. Eu penso que é muito sobre falta de investimento público de fato na cultura. Porque não é só falar que tem um monte de edital espalhado por aí. É chegar e falar: pô, vamos dar um gás aqui; pô, vamos te dar um espaço, vamos aportar um dinheiro pra continuar; ou, tem quantos murais que estão deteriorados, que poderiam receber uma reforma para se manter vivo aquilo, aquela memória, quanto vocês precisam? Em 21 anos de rua, pintando, eu vi uma vez, um projeto que foi mal gerido, mas aconteceu. Era de uma prefeitura que inclusive criou uma secretaria de arte urbana. E ela englobava atividades artísticas na cidade como um todo, tinha um olhar para a arte urbana como uma galeria de rua. E o que eles faziam de interessante que eu achava que funcionava, mas mal distribuído, é que uma pessoa ficava acessando as planilhas públicas da cidade e descobria que uma obra no túnel tal ia acontecer e iam pintar o túnel de cinza. Ela mandava email para a secretaria daquela gestão dizendo: ao invés de você gastar 100 mil pintando de cinza, vamos fazer um projeto de arte urbana? Eles

---

<sup>25</sup> "Token não-fungível" que permite que adquiram a propriedade do bem digital.

<sup>26</sup> 11 Baluartes do Salgueiro. Localização: Padaria Caliel, Morro do Salgueiro, R. Francisco Graça - Tijuca, Rio de Janeiro-RJ. Ver: <https://negromuro.com.br/baluartesalgueiro/> e <https://www.instagram.com/stories/highlights/17936311334253148/>. Acesso em: 08 jan. 2024.



destinavam um dinheiro para uma reforma, para as pinturas. Estavam distribuindo renda, acontecendo pequenos fomentos. O que acho que falta é esse diálogo mais próximo, essa instituição olhando para a arte pública, um canal, uma linha pública de verba destinada para isso. Porque o que a gente faz na cidade, tanto com o Leão Etíope, no Méier, como outros projetos que fomentam atividades culturais, é gigantesco. E muitas vezes estamos botando dinheiro do próprio bolso para fazer alguma coisa que de fato está trazendo melhorias e que fazem diferença na vida das pessoas.

*Com essa ideia da produção da cidade, como entendem essa produção? Vocês estão disputando essa produção da cidade?*

**Cazé:** Sem dúvida. O que a gente faz, hoje em dia, é muralismo, arte pública, o grafite está em outro lugar. Ele [o grafite] faz muito bem quando se propõe a fazer os mutirões. O grafite nasce na periferia, no movimento negro. Acontece em muitas favelas do Rio de Janeiro mutirões de grafite: dia que reúne um monte de gente que vai dentro da favela pintar. Eu vejo muitas agências de arte pública trazendo pro viés comercial. E qual é o impacto disso? Como está sendo desdobrado? Essas pessoas que de fato já faziam esses movimentos, elas estão sendo incluídas nesse universo? Sobre a cidade, há um movimento da cidade. São 52 muros que fizemos. Um exemplo de arte nossa que só aconteceu por conta de intervenções, é o prédio do IBGE, na Mangueira, virou uma ocupação e expulsaram todo mundo de lá e demoliram. A partir dos escombros do prédio do IBGE, apareceu o muro onde pintamos a Alcione<sup>27</sup>. Então, a arte só existiu porque teve um processo brutal, que revelou uma oportunidade de uma tela. O mural no Theatro Municipal<sup>28</sup> foi um prédio que desabou, onde morreu dezenas de pessoas, e aí se pode ver a vista daquela empena. O muro da Academia de Filosofia<sup>29</sup>, aquela esquina era uma esquina normal, tinha dentista, tinha um comércio, aquelas paredes não existiam, só as pilastras e entradas. Estava passando, na rua e vi que estavam subindo as paredes: no dia seguinte fui lá pintar. No caso, me deram autorização e agora virou a Esquina da Filosofia. Então, esse grafismo acompanha o movimento da cidade, são oportunidades que acontecem pra gente, às vezes de situações horríveis. Mas o grafite de arte urbana pode também estar acompanhando

<sup>27</sup> Ver: <https://www.instagram.com/stories/highlights/17947240547582655/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

<sup>28</sup> Ruth de Souza. Localização: Prédio Anexo do Teatro Municipal. R. Manuel de Carvalho, 239-293 - Centro, Rio de Janeiro-RJ. Ver: <https://www.instagram.com/stories/highlights/17947658345608022/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

<sup>29</sup> Localização: Rua do Riachuelo, Centro, Rio de Janeiro-RJ. Ver: <https://www.instagram.com/stories/highlights/17870083148902249/>. Acesso em: 08 jan. 2024.



uma política neoliberal, justamente para chegar primeiro com o que você está falando: colore, deixa *hype*, aí começa a aparecer restaurante caro, mercado caro, isso vai expulsando as pessoas vagorosamente do espaço. E aquilo só passa a existir depois da *hypada*. Muitas das vezes não fomentam os artistas ou os projetos que já estão lá. Não tem financiamento, nem uma parte em comida, não fica nem para uma cervejinha. É como se dissessem: vai só mostrar seu trabalho, vai divulgar seu trabalho, vai lá, mostra, apresenta seu trabalho; artista não precisa ganhar dinheiro. No nosso caso é ao contrário. São várias camadas, porque quanto mais entramos nas vísceras da cidade, mais percebemos o quanto ela é suja. Por exemplo, no Municipal, quando caiu o prédio, eram três prédios. Aí a gente queria pintar. Simplesmente era só acessar aquele terreno. Botar “balancinho” ali. Os caras não quiseram que a gente acessasse o terreno. Era só a gente entrar e botar o “balancinho” e subir pra trabalhar. Mas tivemos que içar do lado de fora, com seis homens puxando a corda e subir pro topo do prédio pendurado numa corda, sem poder acessar o terreno em frente. Não deixaram. Os caras achavam que a arte ia de alguma forma prejudicar, remexer na situação jurídica deles que não foi concluída? E que se quisesse construir prédio depois não ia poder? Claro que não. É óbvio que não. Então é isso, quanto mais vamos nessas vísceras da cidade, compreendemos a complexidade que é, e pensamos em o nosso valor também. O quanto é desgastante estar ali, fazendo aquilo, enfrentando diversos problemas que a cidade vive. Estamos expostos 24 horas numa cidade violenta, uma cidade inescrupulosa, que não se preocupa com a sua sociedade, não se abre ao diálogo sobre movimento de segurança pública. Estávamos pintando o Luiz Melodia<sup>30</sup>, viramos na rua da Prefeitura, contornando, e um cara pulou no meio da rua com uma pistola, mandou parar o carro, pulou outro com pistola também. Fomos assaltados, levaram a nossa carteira, nosso celular, por sorte não levaram o carro, nem todas as coisas que estavam dentro, nem a nossa vida. É isso, é um risco que pagamos. E o nosso prejuízo? Quem paga as parcelas do telefone? Ninguém! Quem paga o psicológico? Aí você tem que fechar a porta e continuar a ganhar a vida. E estamos falando da nossa bolha. Várias pessoas que vivem em comunidades têm suas casas invadidas sem o documento necessário. É isso, sempre se aventurando, tentando trazer através da arte um movimento de calma. Tentar trazer uma paz. Recebi muitos relatos de que a arte no trajeto de quem está de ônibus traz uma paz muito grande, porque você está atravessando a cidade e vendo

---

<sup>30</sup> Localização: Rua João Paulo I (esquina com a rua Paulo de Frontin), arredores do Morro do São Carlos, Estácio, Rio de Janeiro-RJ. Ver: <https://www.instagram.com/stories/highlights/17870083148902249/>. Acesso em: 08 jan. 2024.



parede branca, prédio, trânsito e se depara com um mural. Ele faz a vida daquela pessoa se tornar um pouco melhor. Ela (a arte pública) vai estar sempre lembrando de uma coisa positiva. E essa coisa do lembrar, uma coisa positiva, me fez refletir sobre o meu papel de artista na cidade, porque comecei a pensar sobre o que eu fazia antes do Negro Muro: o que eu estou colocando na cidade? Estou dialogando de fato com o espaço? Estou trazendo algum benefício? Será que realmente preciso pintar? Então, comecei a refletir sobre os espaços que estava ocupando. Se, de fato, é preciso ter uma pintura ali. Às vezes não precisa ter uma pintura ali e acho que é importante a gente ter essa reflexão como artista público. Nem sempre a gente precisa. Estou falando do lugar do muralismo. Nem sempre precisa estar pintando em todos os lugares que a gente vê. Acho que a arte tem que fazer sentido para nós, no seu território, tem que impactar de alguma maneira. Seja para projeto do Negro Muro, seja em festival, mapear tal rua, ou fazer um corredor cultural. De alguma maneira o grafite não faz. Grafite é impactar de uma maneira negativa e positiva. Negativa quando invade o território das pessoas sem a autorização daquelas pessoas.

*Você [Cazé] está falando do processo de pesquisa estética e fiquei pensando na ideia dessa cidade como tela que projeta memória. Você sente diferença em termos do que mudou, nesses 10 anos? E Pedro, gostaria de entender o seu trabalho que é de produção e de pesquisa. Vocês têm uma lista de desejos e um caderno de pesquisa?*

**Cazé:** Antes de responder, tem vários personagens que a gente quer pintar e que ainda não rolou. Não rolou de conseguir um muro, de conseguir financiamento. O Ney Lopes aconteceu dois anos depois. E tem personagens como o Valdemar Santana<sup>31</sup>, o lutador. Não o conhecíamos e rolou um *tweet* contando a história dele: um lutador negro, baiano, capoeirista, que ganhou do Hélio Grace, nos anos 1950. Três semanas depois, a filha do Valdemar me ligou, não sei como ela conseguiu meu telefone, mas ela me ligou da Bahia, falando: vi a matéria de vocês na revista Jornal Nexo (eu nunca vi qual foi essa matéria). E falou: eu adorei, tenho um sonho de pintar meu pai, Valdemar Santana e foi me contando... E perguntei: qual o nome do seu pai mesmo? E ela: Valdemar Santana, meu pai, o negro. E fiquei pensando: não é possível, é o personagem que falamos há três semanas. Estávamos para pintar o Machado de Assis, na Rua da Lapa, porque Machado morou na Rua da Lapa. Só que a luta que até hoje é a luta mais longa do mundo, de 3h e 45 minutos,

---

<sup>31</sup> Localização: Em frente à Associação Cristã de Moços, Rua da Lapa, 86 - Rio de Janeiro-RJ. Ver: <https://negromuro.com.br/waldemarsantana/> e <https://www.instagram.com/stories/highlights/17870334491765971/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

foi a luta que botou o Valdemar Santana como celebridade nacional, quando ganhou do Hélio Grace, foi na ACM [Associação Cristã de Moços]. E havia um muro em frente à ACM. E aí foram três meses! Mas isso é uma exceção.

**Rajão:** Temos uma lista gigante de personagens. Com relação à pesquisa, tenho muito prazer em fazer entrevistas. Para o documentário do Fela Kutí, fiz mais de 60. Quando me deparei com o Negro Muro, virando um projeto viável, mexendo em biografias de figuras muito grandes, eu falei: a gente também tem aí um corpo de audiovisual. A gente entrevistou o Candinho, filho do João Cândido, no mesmo banquinho que o João Cândido sentou nos anos 60. A gente entrevistou a neta da Clementina de Jesus, o Hamilton de Holanda, falando do Pixinguinha, o Hermínio Bello de Carvalho, falando da Clementina. Para além da pesquisa, mais pontual, que é a pesquisa que eu passo pro Cazé: fulano morou aqui em tal ano; a relação com o bairro era essa; e outros elementos principais da vida dele. Além disso, temos essas entrevistas com um acervo de imagens que é um parque de diversões para quem faz pesquisa. Na hemeroteca da Biblioteca Nacional, sou capaz de passar horas. E teve muita coisa, por exemplo, uma foto da Elizeth Cardoso que eu achei. O neto dela nunca tinha visto, e ele passou um acervo de 4 mil fotos para o Instituto Moreira Salles. Fotos da Lélia Gonzalez que a família não conhecia e que consegui no Arquivo Nacional, não estão publicadas em lugar nenhum. Essa sede de contar essas histórias acaba gerando um acervo bem consistente e faz o projeto não ser só um projeto de pintura. Nós estamos em seis ou sete livros de material didático de escolas no Brasil a fora, pelo menos autorizados, comunicados, tem duas séries de TV, a da Sony e a da GNT.

*Restituição de imagem familiar, imagens dessas pessoas para as famílias?*

**Rajão:** Sim, e já teve parentes que se encontraram por causa da gente. No Lima Barreto, eu tinha encontrado uma sobrinha tataraneta dele. Apareceu outra falando: meu nome é Elisa Lima Barreto. E a outra descendente falou: não sei quem é essa sobrinha tataraneta. Eu botei as duas em contato e marcaram um churrasco. Teve a da Chiquinha<sup>32</sup>, a tetraneta da Chiquinha Gonzaga entrou em contato com a gente. Estamos para tirar foto dela com o muro.

---

<sup>32</sup> Ver: <https://www.instagram.com/stories/highlights/18005240527905292/>. Acesso em: 08 jan. 2024.



*Você foi recentemente em uma escola que a galera fez um projeto de mapeamento? Esses usos também têm respostas?*

**Rajão:** Foi em uma escola, o professor que me chamou. Foi uma atividade sobre contação de histórias, e eles contaram histórias de alguns personagens que a gente pintou, a partir do muro. Trabalharam com fotos e pequenos trechos do que a gente escreveu com os alunos. Às vezes, eu descubro porque alguém me contou: cara, sou professor, usei o Negro Muro... Atividades que os alunos redesenham as imagens que a gente fez, tem muita coisa linda nesse sentido. Toda vez que o Negro Muro vai pra sala de aula, acho muito emocionante.

*Em relação às favelas, tirando Salgueiro e Maré, vocês fizeram outras?*

**Rajão:** Teve no Lins, no morro do Gambá, o Mussum, Dona Orosina<sup>33</sup>, na Maré.

*E sobre o processo de escolha?*

**Rajão:** No Revolta dos Malês<sup>34</sup>, trouxemos o Pitanga, porque ele está fazendo um filme sobre a Revolta dos Malês. A gente só casa essa informação porque tínhamos acesso a ele, e a gente achou que fazia sentido para trazer notoriedade para o filme, para o nome da Revolta, porque ele está há vinte anos tentando realizar o filme. Prata Preta<sup>35</sup> porque é popular, uma figura histórica. O Zé Espinguela<sup>36</sup>, no Arranco, eu não conhecia, super obscuro e que foi tema do próprio Arranco. Acho que era um personagem no fundo do baú, na história do Arranco, só quem é pesquisador mesmo conhece, quem morou no bairro.

*Li sobre o Zé Espinguela quando estudava sobre escolas de samba, mas não me liguei que ele era negro, quando vi o Mural que aprendi que ele era negro...*

**Rajão:** Isso acontece muito. Tem a questão das imagens, a questão do flash estourado, não tenho propriedade para afirmar tal coisa, mas do jeito que o racismo é, talvez as fotografias acontecessem dessa forma, muitas vezes, para embranquecer as pessoas. A

---

<sup>33</sup> Localização: Morro do Timbau, Complexo da Maré, Rio de Janeiro-RJ. Ver: <https://negromuro.com.br/orosina/> e <https://www.instagram.com/stories/highlights/17934455591387504/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

<sup>34</sup> Localização: MUHCAB - Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira, R. Pedro Ernesto, 80 - Gamboa, Rio de Janeiro-RJ. Ver: <https://negromuro.com.br/revoltadosmales/>; e <https://www.instagram.com/stories/highlights/17899791632602942/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

<sup>35</sup> Localização: Colégio... Saúde... Ver: <https://negromuro.com.br/pratapreta/>; e <https://www.instagram.com/stories/highlights/17994007006489058/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

<sup>36</sup> Localização: Grêmio Recreativo Escola de Samba Arranco, Rua Adolfo Bergamini, 196 - Engenho de Dentro, Rio de Janeiro-RJ. Ver: <https://www.instagram.com/stories/highlights/18006086410550049/>. Acesso em: 08 jan. 2024.

leitura que eu faço da fotografia de um negro e um branco, que há uma visão do fotógrafo de embranquecer aquela pessoa. Quando a gente estava pintando, muita gente vinha perguntar se o Cruz e Souza era “negão”. Era mais retinto que Machado e Lima Barreto. Desses poetas maiores, ele era o mais retinto. Muita gente não sabia que ele era poeta e não sabia que ele era preto, e isso acontece muito. Mano Elói<sup>37</sup>, por exemplo, quem conhece Mano Elói, é quem vive no Império Serrano, quem mora em Madureira. Fora isso ninguém sabe quem foi Mano Elói. E o Espinguela, foi concepção dele o primeiro concurso de escola de samba, a pílula do carnaval, foi fundador da Mangueira. E é muito louco, fomos no museu da Mangueira e tem uma exposição linda lá. É sobre o feminino no samba, esqueci o título, bonita a exposição, mas há um tecido com vários retratos, várias fotografias, vários personagens e está o Espinguela errado. Não é o Espinguela que está lá. Eu chamei: gente, por favor, a cara tá errada. Mas acontece muito isso das pessoas se surpreenderem de que fulano era preto. Chiquinha Gonzaga foi outra, era negra retinta, acho que a avó dela era africana, mas tem várias notas em jornal falando: a moreninha, a mulatinha, umas coisas assim. O Manoel Congo<sup>38</sup> também é um personagem e que não é visto. Mas é uma coisa que eu venho refletindo, nós estamos colorindo imagens, ajudando nesse imaginário. Não se sabia que fulano era preto, porque a imagem era preta e branca e o flash era estourado. Aí a gente vem e pinta o Luiz Gama e sai o Luiz Gama na capa do jornal. É um ponto positivo para o movimento negro, na visão da compreensão da população sobre o imaginário. O Zé Espinguela também, ele tinha uma imagem, mas só tinha uma imagem colorida. O Valdemar Santana, já é mais fácil de ler sobre, mas você não tinha imagem colorida dele, só preta e branca. E você tem agora, essas imagens pintadas perto da cor daquelas pessoas. O Mano Elói, a foto que tínhamos era preta e branca. O pintamos na Quadra do Império. Têm as fotos da família, todo mundo retinto, do lado de um homem pintado retinto, e isso é uma vitória pra família, às vezes a família não tem uma fotografia colorida.

---

<sup>37</sup> Localização: Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano, Av. Min. Edgard Romero, 114 - Madureira, Rio de Janeiro-RJ. Ver: <https://negromuro.com.br/manoeloy/> e <https://www.instagram.com/stories/highlights/17942858717158412/>. Acesso em: 09 jan. 2024.

<sup>38</sup> Localização: Quadra da Brinks, Ladeira do Faria, 95, Morro da Providência, Gamboa, Rio de Janeiro-RJ. Ver: <https://negromuro.com.br/manuelcongo/> e <https://www.instagram.com/stories/highlights/17960515156947634/>. Acesso em: 09 jan. 2024.

*E aquele lugar é muito específico, a quadra do Império Serrano foi uma Feira Pública, um mercado...*

**Cazé:** Era um mercado. E a gente pinta. No início do muro, eu pintei o Mercado de Madureira que é um marco da organização do carnaval. Ele [o Mano Elói] vem nessa questão de fazer a vaquinha, cada funcionário do sindicato dos arrumadores que destinavam uma parte do salário para contribuição da construção da quadra do Império Serrano. Ele era da resistência e tem umas fragmentações. Fui falar com os caras: é muito bom saber que tem mais um personagem da estiva. Eles: ele não era estivador, era arrumador. Foi uma galera representando o departamento cultural do sindicato dos arrumadores na inauguração.

*E em que momento que vocês falam “isso que a gente faz é um projeto de memória”? Tem algum momento que vocês passam a formular dessa maneira?*

**Cazé:** Acho que essa chave vira naturalmente, mas muito do peso que Elza Soares tem com seus 90 anos. Porque se você vai pintar um mural de uma senhora de muita idade, não dá pra pintar um mural pequeno. E os muros foram crescendo. A coisa vai se desdobrando dentro do próprio projeto. A maturidade vai moldando no próprio formato do projeto. Fomos entendendo que o muro horizontal é sempre mais interessante, por conta da cronologia. Se você olhar os murais, eles são sempre cronológicos. Mesmo que verticalmente contando a história, ela começa sempre do início da vida daquela pessoa e vai se desdobrando ao redor da pintura. Tipo o horizontal do Luiz Gama<sup>39</sup>, ali é um formato perfeito. A gente sabe que aquele formato é perfeito para contar a história de uma pessoa, dentro da sua bagagem. E, normalmente, essas pessoas têm de história pelo menos quarenta, cinquenta anos de bagagem ou mais.

**Rajão:** Coincide com uma maturidade do projeto, com conseguirmos mais estrutura, mais recursos, muros maiores. Com muros maiores dá pra contar mais coisas, dá pra botar mais histórias.

**Cazé:** Os primeiros setes são pequenos. Mas eles se encaixam com a minha própria necessidade, da questão do muralismo. De sair de um universo menor, uma coisa de grafite. Então, eu já estava abandonando essa linguagem, essa estética e querendo contar histórias em murais grandes. Estava focando em murais grandes.

---

<sup>39</sup> Localização: Rua da Constituição. Ver: <https://negromuro.com.br/luizgama/> e <https://www.instagram.com/stories/highlights/17922183092466278/>. Acesso em: 18 jan. 2024.

*Vocês entendem que o que vocês produzem é um equipamento urbano, um equipamento de memória, um monumento?*

**Rajão:** Sim, modéstia à parte, a gente tem trabalhado com essa ideia

## NOTAS

### TÍTULO DA OBRA

ENTREVISTA COM FERNANDO CAZÉ E PEDRO RAJÃO – PROJETO NEGRO MURO

#### **Ana Paula Alves Ribeiro**

Doutora em Saúde Coletiva (UERJ/IMS, 2009)  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, Brasil  
anapalvesribeiro@gmail.com

● <https://orcid.org/0000-0002-6494-1470>

#### **Gabriel da Silva Vidal Cid**

Doutor em Sociologia (UERJ/IESP, 2016)  
Pós-doutorando  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Brasil  
gabrielsvcid@gmail.com

● <https://orcid.org/0000-0003-0479-041X>

#### **Patrícia Lânes**

Doutora em Antropologia (PPGA/ UFF, 2017)  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
patricialanes77@gmail.com

● <https://orcid.org/0000-0001-7916-1840>

### LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

### PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

